

ANÁLISE DO DISCURSO: CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

Carla Beatriz Frasson¹

Resumo:

Este *paper* pretende apresentar, em linhas gerais, do que trata uma dessas correntes de estudos lingüísticos contemporânea, a saber, a Análise de Discurso (AD), apontando seus principais precursores e os representantes que mais se destacam no âmbito nacional.

Palavras-chave: Lingüística, análise do discurso, língua

Abstract:

This paper aims to present, in general terms, what Discourse Analysis mean, pinpointing its main predecessors and its main current representatives nationwide.

Key Words: Linguistics , analysis of the speech , language

É crescente a ânsia humana tanto por estudar o mundo físico quanto por desvendar as incógnitas do pensamento. Dentre as ciências desenvolvidas pelo homem, uma destaca-se por ter como objeto de estudo o funcionamento da linguagem: a Lingüística, a qual abre um grande leque de pesquisas que vão desde os estudos estruturais e imanentes da língua até os estudos de viés enunciativo-discursivo, ou seja, que consideram a língua em sua relação com a história, com a sociedade, com seus diferentes usos e apropriações. Este *paper* pretende apresentar, em linhas gerais, do que trata uma dessas correntes de estudos lingüísticos contemporânea, a saber, a Análise de Discurso (AD), apontando seus principais precursores e os representantes que mais se destacam no âmbito nacional.

A AD surge na década de 60, na França, como uma teoria da leitura, rompendo com uma certa tradição de práticas teórico-analíticas voltadas para a interpretação, tais como empreendidas pela hermenêutica e pela análise de conteúdo. Em seus estudos, procura evidenciar as muitas maneiras de significar que a materialidade lingüística permite, sem estabelecer um corte sincrônico da língua ou analisá-la apenas enquanto

¹ Graduada em Letras, cursando Pós-graduação (lato sensu) em “Lingüística e Língua Portuguesa” pela FUCAMP. Aluna especial do mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia. Professora efetiva da Escola Estadual Padre Lázaro Menezes – Coromandel (MG).

sistema. Para a AD, é importante que sejam considerados os sujeitos, suas inscrições na história e as condições de produção da linguagem. Analisam-se, assim, segundo esse domínio de estudos, as relações estabelecidas entre a língua e os sujeitos que a empregam e as situações em que se desenvolvem o dizer. O analista do discurso busca, portanto, certas regularidades no uso da língua em sua relação com a exterioridade.

É preciso, neste contexto, distinguir o objeto de estudo da AD, ou seja, o discurso, do objeto de estudos da lingüística, a língua. Segundo o russo Mikhail Bakhtin (1998), que embora seja um filósofo da linguagem e não um analista do discurso, mas que muito contribuiu para os princípios desta ciência, o discurso é o ponto de articulação entre os fenômenos lingüísticos e os sócio-históricos. Completando este pensamento, Fernandes (2005), estudioso contemporâneo da AD, considera que o “discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica as para a sua existência material; realiza-se, então, por meio de uma materialidade lingüística, cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (lingüísticos e/ou semióticos) estruturalmente elaborados” (p. 24).

Assim, o estudo discursivo considera, em suas análises, não apenas o que é dito em dado momento, mas as relações que esse dito estabelece com o que já foi dito antes e, até mesmo, com o não-dito, atentando, também, para a posição social e histórica dos sujeitos e para as formações discursivas às quais se filiam os discursos.

No que se refere aos precursores dos estudos discursivos, destaca-se o francês Michel Pêcheux, cujos estudos têm forte embasamento nas correntes marxistas. Segundo Pêcheux, não há sujeitos individuais no discurso, há “formas-sujeito”, ou seja, um ajustamento do sujeito à ideologia. Ao estudar Pêcheux, Gregolin (2003, p. 27), outro expoente contemporâneo da AD brasileira, afirma que:

O sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico. O discurso é construído sobre um inasserido, um pré-construído (um já-lá), que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva. (GREGOLIN, 2003:27)

Ao produzir seu discurso, o indivíduo não expressa a sua consciência livre de interferências. Ao contrário, aquilo que ele discursiviza é resultado de conjuntos discursivos que lhe são anteriores, que foram por ele interiorizados em função da

exposição sócio-histórica a que estamos todos submetidos, a partir da qual são constituídas nossas representações discursivas sobre o mundo. Sobre isso, Orlandi (2001, p. 09) uma das pioneiras dos estudos discursivos no Brasil, apresenta algumas contribuições da AD para a reflexão sobre a língua e sua interpretação:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é a contribuição da AD, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos, ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 2001:09)

Estudar o discurso, portanto, é caracterizar as inscrições ideológicas contraditórias que coexistem nas diferenças sociais, inscritas na produção discursiva dos sujeitos, na materialidade discursiva. A Análise do Discurso desenvolve seus estudos sobre as visões de mundo inscritas no discurso. Os estudos desenvolvidos por este domínio de estudos visam a promover uma melhor compreensão por parte do homem de uma das ilusões fundadoras: a de que – parafraseando Fiorin, outro grande nome da AD brasileira – o homem é senhor de seu discurso.

Referências:

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** 8 ed. rev. atual. São Paulo: Ática, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs). **Teorias Lingüísticas:** problemáticas contemporâneas. Uberlândia, EDUFU, 2003.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso:** princípios e fundamentos. 3.ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.